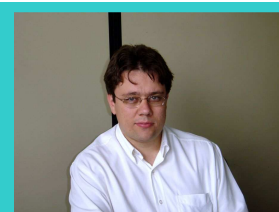




## COMENTÁRIO ECONÔMICO

Everton Augusto P. Ferreira  
[everton@emater.mg.gov.br](mailto:everton@emater.mg.gov.br)  
(31) 3349-8061 - Belo Horizonte/MG



Em uma operação um tanto quanto inesperada, nesse último dia 03/12, o Banco Central elevou o percentual de depósitos compulsórios que os bancos são obrigados a manter no próprio Banco Central. Em 2008, o próprio Banco Central já havia reduzido esses mesmos percentuais, em plena crise financeira, e o objetivo agora é reduzir a oferta de crédito na economia e, com isso conter o crescimento da inflação e evitar “bolhas” em ativos.

Vamos entender um pouco esse mecanismo: para cada R\$100,00 que uma pessoa deposita num banco, uma conta corrente, por exemplo, como é pouco provável que o depositante o saque no dia seguinte, o banco em tese, empresta esse R\$ 100,00 para uma pessoa que precise de um financiamento. Contudo, para funcionar os bancos precisam manter em caixa um volume de dinheiro para cobrir os eventuais saques que os depositantes façam, são as reservas bancárias. Ao longo dos anos os bancos mantêm essas reservas a partir de médias diárias de saques. É o negócio básico dos bancos. Mas há outro participante. A autoridade monetária, via Banco Central, também obriga os bancos a manterem um depósito compulsório para cada depósito. É o chamado depósito compulsório, que o Banco Central usa para controlar a oferta de moeda.

Até final de novembro os bancos eram obrigados a depositar R\$ 8,00 no Banco Central, estando os outros R\$ 92,00 livres para o banco emprestar e financiar, no caso de depósitos a vista. Agora, esse R\$ 8,00 virou R\$ 12,00, ficando agora

penas R\$ 88,00 livres. Com esse movimento, a autoridade monetária “tirou” R\$ 61 bilhões da oferta de crédito com objetivo de esvaziar a oferta de crédito, torná-lo relativamente mais caro e, com isso conter a demanda. Na visão do Banco Central, a oferta crescente de crédito na economia vem provocando alta nos preços de muitos ativos, levando a alta de preços.

Com parte das medidas para conter o crédito, o Banco Central também elevou as taxas de reserva que os bancos e financeiras precisam fazer para conter a inadimplência. Essa medida atinge principalmente os financiamentos de maior prazo, como compra de automóveis. A medida visa tornar os bancos mais seletivos na concessão de créditos e evitar que essas instituições operem com riscos crescentes. O foco é o crédito ao consumidor, ficando de fora o crédito habitacional, rural e mesmo aquele derivado de operações especiais, como o Pronaf.

Um ponto importante é que o Banco Central atuou utilizando outros instrumentos de política monetária, evitando alterar os juros. Isso é importante para não afetar a dívida interna e teve uma ação mais seletiva, pois afeta diretamente o foco do problema, no caso excesso de compradores tocados a crédito, especialmente pessoas físicas.

É uma medida prudente, calcada num cenário de preços em ascensão, sobretudo porque no ambiente internacional a oferta de Dólares vem inflacionando o valor dos ativos, em especial commodities. Ademais, uma medida de conservadorismo no setor bancário, após o recente problema do Banco Panamericano, sempre restabelece a credibilidade do sistema.

## **PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO**

Superintendência de Política e Economia Agrícola  
E-mail: [spea@agricultura.mg.gov.br](mailto:spea@agricultura.mg.gov.br)  
(31) 3915-8603 - Belo Horizonte/MG

Lastreado, principalmente, pelo movimento ascendente dos preços dos produtos das cadeias produtivas vegetal e animal, o Produto Interno Bruto (PIB) do

agronegócio mineiro calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (CEPEA/USP) com o apoio financeiro da Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais - SEAPA/MG - e da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais - FAEMG -, registrou crescimento acumulado de 11,10% nos primeiros nove meses de 2010, em relação ao mesmo período de 2009, e deverá atingir no ano R\$ 97,6 bilhões (a preços de 2010). Desse valor, R\$ 55,8 bilhões ou 57,2% deverão ser gerados pelo agronegócio agrícola e R\$ 41,2 bilhões ou 42,8% pelo agronegócio da pecuária. Essa estimativa da renda anual do agronegócio mineiro eleva para 12,40% a participação do PIB do negócio agrícola de Minas Gerais no âmbito do agronegócio nacional.

Quanto ao comportamento dos setores que compõem o PIB do agronegócio estadual, a análise do CEPEA revelou que o agronegócio da **agricultura** cresceu no mês de setembro 1,20%, ritmo um pouco inferior àquele verificado no mês de agosto, cuja taxa foi de 1,36%. Entretanto, ao contrário do que vinha ocorrendo durante o ano de 2010 o segmento de insumos do setor melhorou sua performance significativamente e apresentou expansão de 2,89% no mês contra a taxa de tão somente 0,25% obtida em agosto. Vale registrar que este foi o melhor desempenho entre os segmentos tanto da **agricultura** quanto da **pecuária**. Tal desempenho arrefeceu o ritmo decrescente que os insumos vinham apresentando até então e diminuiu para 15,33% o recuo da renda do segmento em relação a 2009.

Os demais segmentos que integram a cadeia produtiva da **agricultura** obtiveram no mês de setembro taxas de crescimento bastante semelhantes, sendo que o básico (“dentro da porteira”) obteve taxa de 1,13% e as atividades da indústria e da distribuição registraram idênticas taxas de 1,12%. No acumulado do ano, o setor da **agricultura** já registra a expressiva taxa de 16,42%.

O agronegócio da **pecuária** apresentou em setembro taxa de crescimento equivalente a 1,00%, bem superior àquela verificada em agosto que foi de 0,28%. Colaboraram para este bom comportamento da **pecuária**, os aumentos nos preços de todas as carnes e do leite, com destaque para o frango vivo. Na bovinocultura de corte e na suinocultura, os preços subiram em torno de 6,0%.

Para a carne de frango, o aumento foi de 18,6%. O leite teve aumento mais modesto, com elevação de 1,23% no mês.

Dessa forma, a desagregação do agronegócio da **pecuária**, revelou que os segmentos básico, agroindustrial e de distribuição obtiveram ritmos mais intensos de expansão que resultaram em taxas anuais de crescimento ampliadas para, respectivamente, 5,13%, 7,05% e 5,78%. O segmento de insumos registrou em setembro taxa de 0,50% e reduziu para -3,64% sua taxa anual de recuo. (Vide Figuras 1e 2 e Tabela 1).

Por último, releva salientar que, no mês de setembro, as participações relativas dos segmentos que formam o PIB do agronegócio de Minas Gerais passaram a ser as seguintes: Insumos: 6,11%, Básico: 34,55%, Indústria: 28,12% e Distribuição: 31,22%.

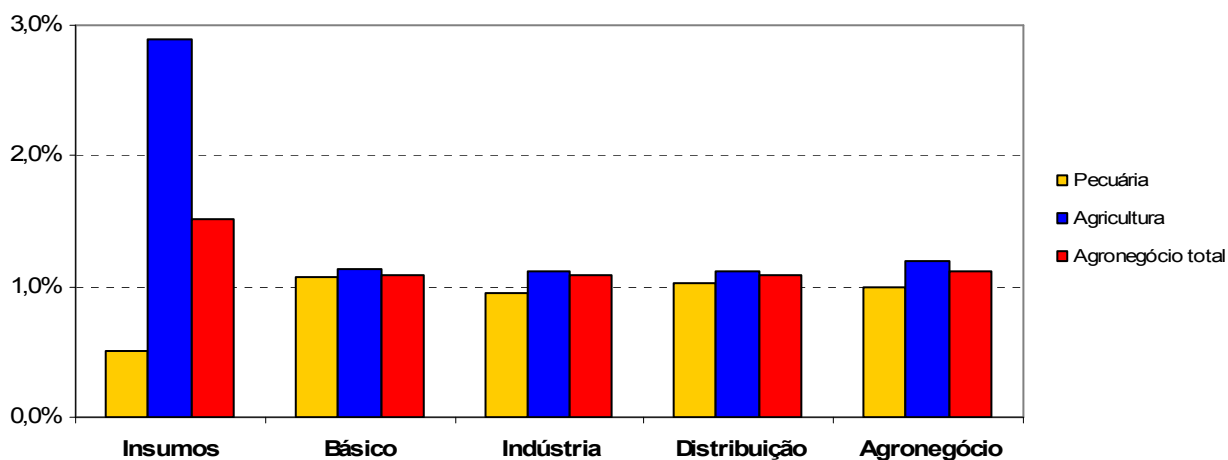
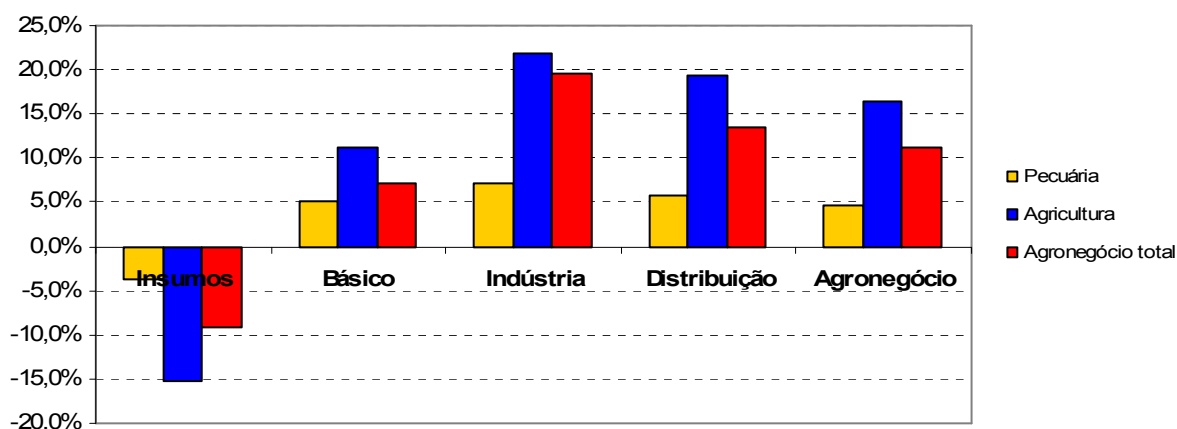


Figura 1 - Taxas de crescimento em setembro de 2010 (%).

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.



**Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a setembro de 2010 (%).**

*Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa*

**Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2010/2009(%).**

	AGRONEGÓCIO				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/09	0,39	-1,68	0,38	-0,69	-0,75
fev/09	0,21	-1,40	0,58	-0,46	-0,54
mar/09	0,65	-1,64	0,10	-0,75	-0,78
abr/09	-1,20	-2,20	-0,03	-1,13	-1,29
mai/09	-2,69	-1,84	-0,14	-0,99	-1,25
jun/09	-4,17	-1,97	0,23	-0,85	-1,27
jul/09	-2,15	-1,36	0,60	-0,33	-0,63
ago/09	0,30	-1,31	0,68	-0,26	-0,38
set/09	-0,75	-1,62	1,17	-0,15	-0,41
jan/10	-1,66	0,45	2,70	1,62	1,24
fev/10	-1,54	0,79	3,84	2,37	1,92
mar/10	-1,97	1,35	2,40	1,90	1,57
abr/10	-1,00	1,71	2,37	2,05	1,81
mai/10	-1,45	0,47	1,68	1,14	0,88
jun/10	-1,85	-0,01	1,44	0,78	0,52
jul/10	-1,58	0,49	1,18	0,81	0,65
ago/10	0,16	0,61	1,32	0,97	0,89
set/10	1,52	1,09	1,09	1,08	1,12
Acum. no ano (2009)	-9,13	-14,06	3,62	-5,48	-7,06
Acum. no ano (2010)	-9,04	7,16	19,50	13,45	11,10

	AGRICULTURA				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/09	0,78	-2,47	0,70	-0,23	-0,39
fev/09	0,48	-2,30	0,94	0,01	-0,20
mar/09	1,07	-2,54	0,26	-0,52	-0,61

abr/09	-2,20	-2,14	0,27	-0,39	-0,71
mai/09	-4,14	-1,75	0,11	-0,39	-0,81
jun/09	-7,08	-2,03	0,51	-0,17	-0,86
jul/09	-4,17	-1,41	0,75	0,18	-0,27
ago/09	-0,19	-1,14	0,85	0,34	0,16
set/10	-1,67	-1,72	1,48	0,67	0,28
jan/10	-2,84	0,54	3,08	2,48	1,97
fev/10	-2,59	0,91	4,39	3,58	2,97
mar/10	-3,49	1,24	2,58	2,28	1,86
abr/10	-2,17	2,16	2,50	2,42	2,15
mai/10	-2,60	0,93	1,81	1,61	1,33
jun/10	-3,08	0,74	1,64	1,44	1,16
jul/10	-2,68	1,87	1,40	1,50	1,34
ago/10	0,25	1,27	1,47	1,43	1,36
set/10	2,89	1,13	1,12	1,12	1,20
Acum. no ano (2009)	-16,15	-16,21	6,02	-0,50	-3,36
Acum. no ano (2010)	-15,33	11,31	21,82	19,34	16,42

PECUÁRIA

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jan/09	-0,01	-1,28	-1,08	-1,21	-1,14
fev/09	-0,06	-0,94	-1,12	-1,00	-0,91
mar/09	0,23	-1,19	-0,64	-1,01	-0,97
abr/09	-0,17	-2,24	-1,50	-2,00	-1,93
mai/09	-1,24	-1,88	-1,34	-1,71	-1,73
jun/09	-1,31	-1,94	-1,12	-1,67	-1,74
jul/09	-0,28	-1,34	-0,17	-0,95	-1,03
ago/09	0,73	-1,39	-0,22	-1,00	-0,99
set/09	0,06	-1,57	-0,38	-1,18	-1,21
jan/10	-0,65	0,41	0,65	0,49	0,36
fev/10	-0,65	0,74	0,80	0,76	0,63
mar/10	-0,71	1,41	1,36	1,39	1,22
abr/10	-0,07	1,49	1,62	1,53	1,38
mai/10	-0,55	0,24	0,97	0,49	0,32
jun/10	-0,90	-0,38	0,27	-0,16	-0,30
jul/10	-0,74	-0,21	-0,17	-0,19	-0,24
ago/10	0,09	0,27	0,38	0,31	0,28
set/10	0,50	1,07	0,95	1,03	1,00
Acum. no ano (2009)	-2,05	-12,96	-7,34	-11,15	-11,07
Acum. no ano (2010)	-3,64	5,13	7,05	5,78	4,72

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa

# BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO

Márcia Aparecida de Paiva Silva  
E-mail: [marcia.silva@agricultura.mg.gov.br](mailto:marcia.silva@agricultura.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3215-6548 - Belo Horizonte/MG



## Exportações

No período de janeiro a novembro de 2010, as exportações mineiras do agronegócio chegaram a US\$ 6,8 bilhões, valor cerca de 34,0% superior ao registrado nos primeiros onze meses de 2009 (Gráfico 1). O crescimento das exportações mineiras superou o das exportações nacionais do setor, que foi de 17,7%. O aumento das vendas do setor brasileiro foi amortecido pela queda de 2,0% das exportações do complexo soja (grão, farelo e óleo), principal cadeia exportadora do agronegócio nacional.

No caso de Minas Gerais, as principais cadeias no *ranking* das exportações do agronegócio mantiveram comportamento positivo. A receita do complexo café (em grão e solúvel) – que respondeu por 52,6% das divisas geradas pelo setor – registrou crescimento de cerca de 38,0%, chegando a US\$ 3,6 bilhões. Em seguida apresentou acréscimo nas vendas: o açúcar, 79,8%, alcançando US\$ 945,6 milhões; carnes, 15,7% (US\$ 693,4 milhões); e madeiras e subprodutos, crescimento de 79,4%, e receita de US\$ 661,4 milhões.

É importante ressaltar que, conforme observado ao longo do ano de 2010, a reação positiva do valor médio dos principais produtos exportados, favoreceu o incremento da receita e, por fim, o bom desempenho do comércio exterior do agronegócio do Estado. Minas vem ampliando sua participação no comércio internacional do setor, aproveitando o momento de crescimento do consumo de alimentos em todo o mundo.

O aumento das vendas mineiras de milho no mercado internacional é um bom indicativo deste cenário. As exportações do grão cresceram cerca de dezessete vezes, entre os primeiros onze meses de 2009 e 2010, e atingiram a cifra de US\$ 95,7 milhões. A ampliação da participação do milho mineiro no mercado internacional pode ser favorecida pela expectativa de quebra da safra americana.

As exportações de milho para os Estados Unidos podem incrementar as compras daquele país, que continua sendo o segundo principal destino das exportações

mineiras do agronegócio, com parcela de 12,2% das vendas do setor. O maior mercado de destino foi a Alemanha, que capturou o equivalente a 12,4% das exportações mineiras do agronegócio, no período de janeiro a novembro de 2010.

### **Importações**

As importações mineiras do agronegócio chegaram a US\$ 315,9 milhões, que representou 3,4% das importações totais do Estado (Gráfico 1). Em relação aos primeiros onze meses de 2009 foi registrado crescimento de 37,9%, impulsionado pelo acréscimo das importações de trigo (75,1%), algodão (84,7%) e arroz (44,9%), que alcançaram US\$ 88,4 milhões, US\$ 41,6 milhões e US\$ 40,8 milhões, respectivamente.

O incremento das importações de trigo converge com uma forte evidência revelada para o mercado brasileiro: o avanço da participação do cereal importado – principalmente o proveniente de países do Mercosul – em virtude de características desfavoráveis do produto brasileiro para o uso em panificação (principal fonte de demanda da farinha de trigo).

Para o algodão, o que se observa é o aumento dos preços internos e externos, em decorrência do crescimento da demanda e do decréscimo dos estoques das últimas safras, em nível global. O aquecimento das cotações estimulou os produtores a ampliar a área de cultivo e a investir no pacote tecnológico.

### **Saldo da balança comercial**

Nos primeiros onze meses de 2010, o saldo da balança comercial do agronegócio mineiro alcançou US\$ 6,5 bilhões, valor 33,8% superior ao registrado em igual período de 2009 (Gráfico 1). As divisas geradas pelo agronegócio responderam por 35,0% do saldo da balança comercial de toda a economia mineira.

### **Comportamento mensal**

No mês de novembro de 2010, a receita de exportação do agronegócio de Minas manteve-se entre os maiores valores de 2010. Em comparação com o mês de outubro – recorde mensal desde o ano de 2001 – houve decréscimo de 5,4%. Em

consonância, o saldo da balança comercial do setor apresentou queda de 5,4% (Gráfico 2).

Destacou-se no mês de novembro de 2010, a ampliação das vendas de carne de frango, de 26,1%, que chegaram a US\$ 29,9 milhões e ultrapassaram as exportações de carne bovina, tradicionalmente principal produto em receita de exportação do grupo carnes. As vendas de milho também apresentaram significativo crescimento e dobraram em relação ao mês de outubro, atingindo US\$ 30,1 milhões.

O mês de novembro elucidou perspectivas positivas para o mercado de algodão, que registrou aumento na receita de exportação de 9,3%, chegando a US\$5,5 milhões. A continuidade dessa performance dependerá do comportamento dos preços e da demanda, em nível externo e interno.

Gráfico 1 – Balança comercial de Minas Gerais (2009/2010), em US\$ milhões

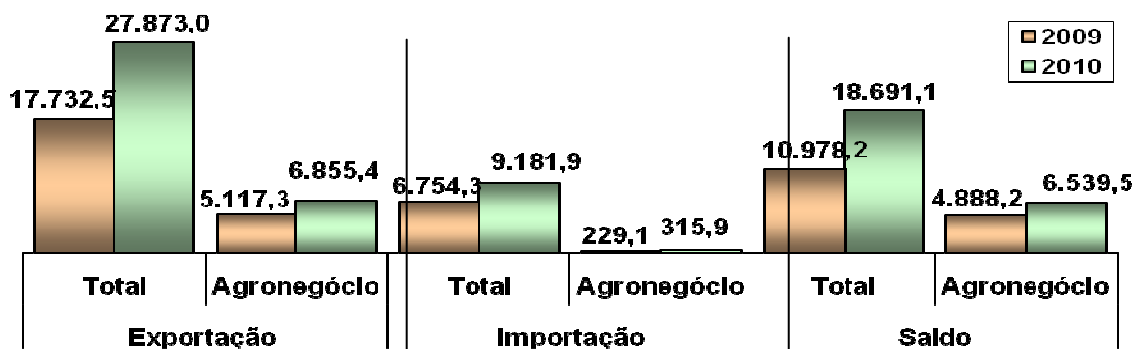
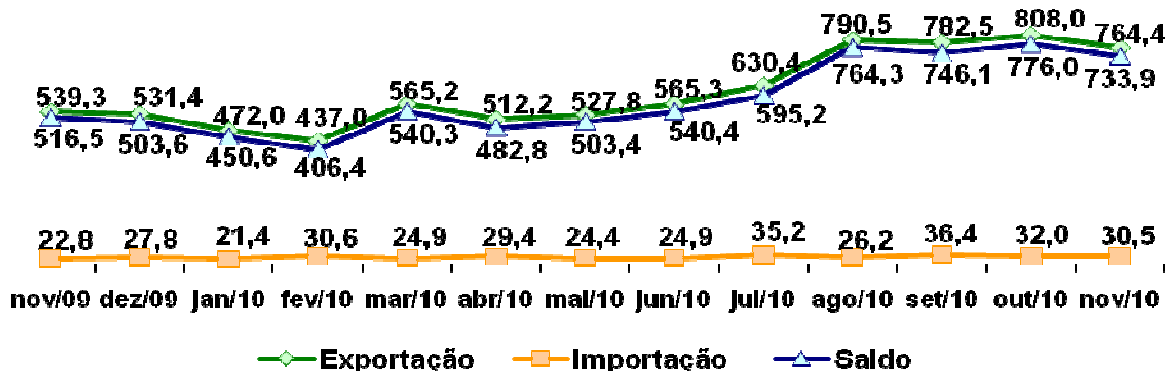


Gráfico 2 – Exportação, Importação e Saldo da Balança Comercial do agronegócio mineiro (2009/2010), em US\$ milhões



# AGROCLIMATOLOGIA

Ana Cláudia Miranda P. Albanez  
[aclaudia@emater.mg.gov.br](mailto:aclaudia@emater.mg.gov.br)  
(31) 3349-8081 – Belo Horizonte/MG



O Sudeste do Brasil, devido às suas localizações latitudinais, caracteriza-se por ser uma região de transição entre os climas quentes de latitudes baixas e os climas mesotérmicos do tipo temperado das latitudes médias. Em geral, a precipitação distribui-se uniformemente com média anual acumulada, variando em torno de 1500 e 2000 mm (800 a 1700 mm para o estado de Minas Gerais). (figura 1).

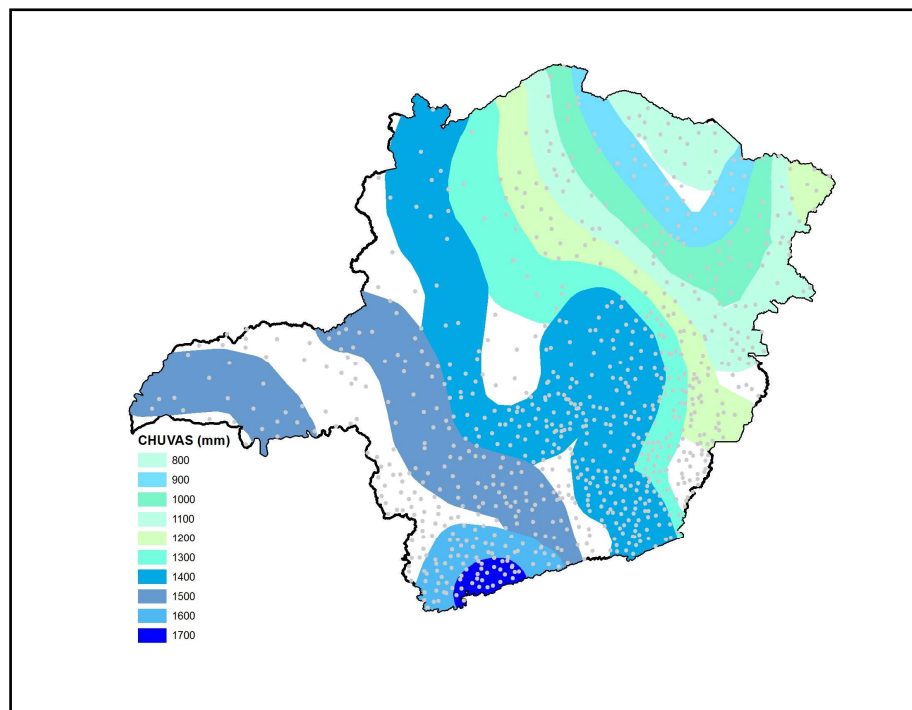


Figura 1. Precipitação média acumulada

As frentes frias recorrentes no mês de novembro e dezembro vêm marcando o período de transição primavera – verão, onde se observa mudanças rápidas nas condições diárias do tempo, chuvas de curta duração e forte intensidade, acompanhadas por trovoadas e rajadas de vento, principalmente no período da tarde.



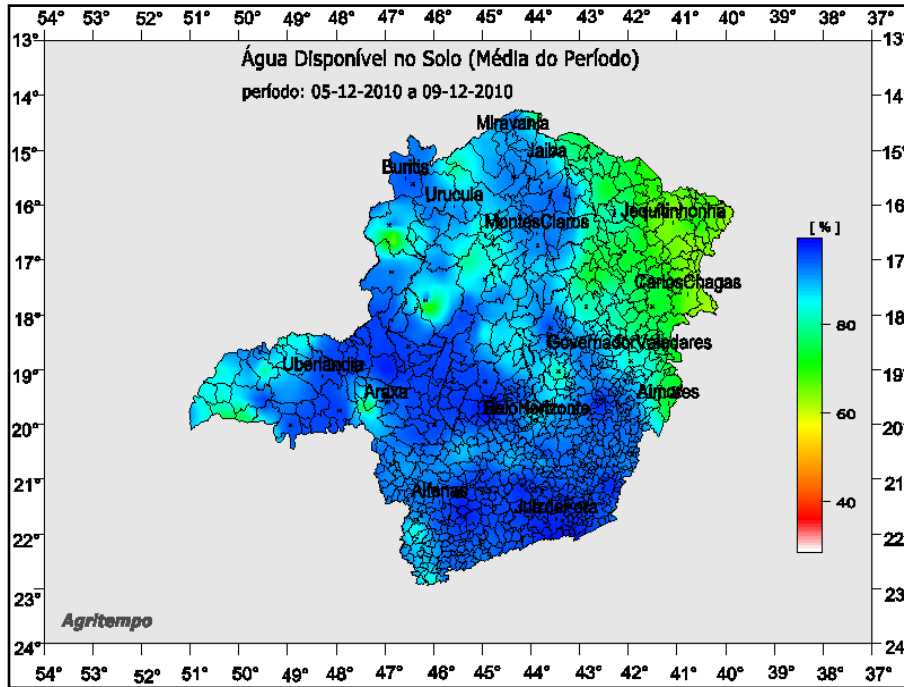


Figura 3. Disponibilidade de água no solo

A umidade relativa do ar esteve elevada em todo o Estado de Minas Gerais com valores diários variando, em média, de 70% a 80%.

A temperatura média, em todo o estado variou entre 19,5°C a 29,0°C (figura 4).

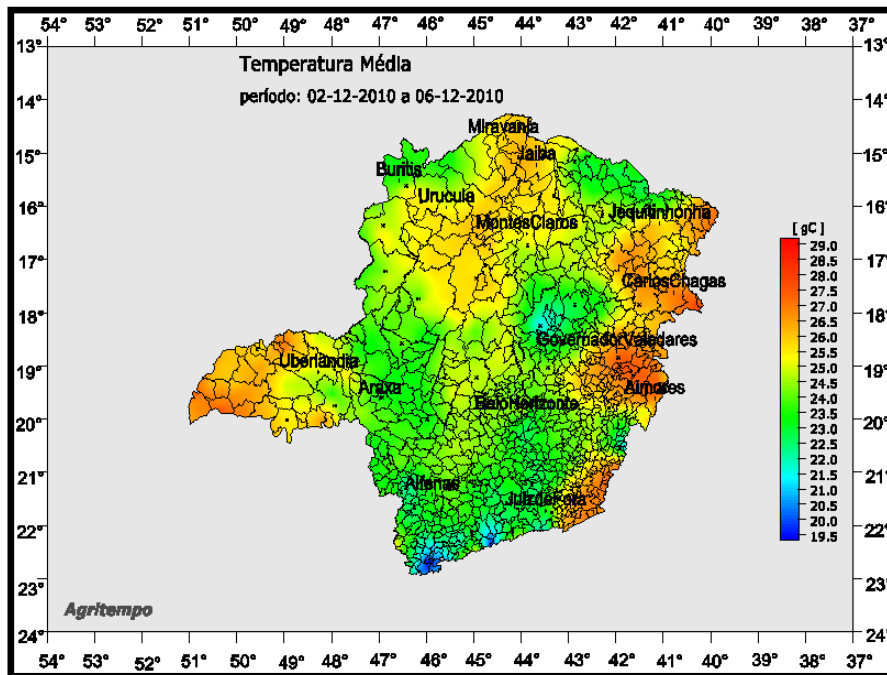


Figura 4. Temperatura Média

Para os próximos dias, a chegada de uma frente fria próxima a 2ª quinzena de dezembro, favorecerá o desenvolvimento de chuva com intensidade, variando de moderada a forte no centro-sul e oeste de Minas Gerais. Nas outras regiões mineiras, a tendência é de ocorrência de chuvas isoladas.

## ANÁLISE SAFRAS

Luiz Fernando Ferreira  
E-mail: [luiz.ferreira@emater.mg.gov.br](mailto:luiz.ferreira@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8138 – Belo Horizonte/MG



Existe uma preocupação entre os produtores e alguns outros segmentos agrícolas, envolvidos com a cadeia produtiva de grãos, com os efeitos que podem advir do fenômeno La Niña. Os efeitos do La Niña embora diminutos geram especulações, reduzindo os aplicativos que poderiam contribuir, como: o crescimento do uso dos fertilizantes, defensivos, calcários, máquinas e implementos, utilização do crédito rural, disponibilizado para a safra 2010 / 2011. Assim, é que os países do sul como Argentina Brasil e Uruguai que de certa forma, sempre apresentam boas produtividades, principalmente na cultura de soja, poderão ter uma redução da ordem de 4% em relação período anterior.

Os primeiros resultados estão refletindo nas análises sobre a produção agrícola no país, que indicam um crescimento de área de 2%, na exploração agrícola que estima uma produção de 146 milhões de toneladas em uma área cultivada de 47 milhões e 90 mil hectares, o que preconiza uma retração de 0,2% sobre os resultados da última safra colhida. Este resultado é esperado pela aplicação da prática de um melhor índice tecnológico devido estar sendo trabalhado com menor custo de produção e obtidos melhores preços médios neste ano, principalmente com a soja, arroz e feijão.

Vale destacar que enquanto a área dos produtos como os cereais recuam 1%, as oleaginosas estão com crescimento previsto em 4%, quando comparado com a

safrã passada. Estas variações são atribuídas ao crescimento da soja em 3% e o extraordinário aumento do algodão em 30%.

A dificuldade com oferta em países exportadores em função da aquecida demanda internacional, o valor do dólar considerado como fraco em relação a outras moedas, tornam as commodities mais atraentes aos investidores, o que tem promovido esperança e confiança aos produtores brasileiros em relação a um cenário positivo para os produtos como a soja, café, algodão, milho e açúcar.

Minas Gerais mais uma vez poderá suplantar a produção de 10 milhões de toneladas de Grãos, conforme os dados apontados pela CONAB. No estado, o crescimento em relação a safra anterior no setor de grãos, deverá ser de 27% e a participação em relação a safra nacional deverá ser de aproximadamente 7%.

## ALGODÃO

Reinaldo Nunes de Oliveira  
E-mail: [reinaldo.oliveira@emater.mg.gov.br](mailto:reinaldo.oliveira@emater.mg.gov.br)  
Tel: (38) 3323- 2130 - Montes Claros/MG



O comportamento dos preços do algodão, nos primeiros vinte dias de novembro, foi de alta significativa em função da escassez do produto, não somente no Brasil como no mundo.

A falta do produto no mercado tem provocado crise de abastecimento nas indústrias têxteis nacionais, com reflexos positivos para os cotonicultores brasileiros, visto que o preço do produto em pluma teve um aumento médio de 66%, nos últimos 12 meses, em função da baixa oferta e alta demanda.

Paradoxalmente o preço do algodão no mercado nacional fechou o mês de novembro em baixa acentuada, isto em função da queda do produto na bolsa de Nova York que contribuiu em curto prazo, para a desvalorização no mercado interno.

Apesar da oscilação dos preços nos últimos dias, a cotação do algodão em pluma segundo dados de "Safras & Mercados" em 30/11, variou de R\$ 2,69 a R\$ 2,72 libra-peso, com prazo de pagamento de 8 dias para fibra padrão 41 - 4.

Segundo os dados do levantamento de Safra da CONAB do mês de novembro, a estimativa de plantio da atual safra deverá ser 36,9% superior a safra passada, ou seja, 1 milhão 144 mil hectares, para uma produção esperada de 1 milhão 743 mil toneladas do produto em pluma, e caso se confirme o prognóstico, a produção esperada poderá bater o recorde obtido na safra 2006/07 que foi de 1.602 mil toneladas.

Em se tratando de aumento da área plantada, a região centro-sul apresenta os maiores percentuais de incremento de plantio do algodão, com destaque para os estados de Mato Grosso com 35%, Goiás 35,5%, Minas Gerais 31% seguido da Bahia com 26%. Quanto ao estado de Minas Gerais, a variação da estimativa de área plantada deverá ter no seu limite superior 20,6 mil hectares, distribuídas nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto do Paranaíba e Noroeste de Minas. Esta situação mostra novas perspectivas para a cultura no estado, que apresentava um desempenho fraco, em relação ao ranking dos estados produtores e consumidores de algodão.

### **Condições climáticas**

A distribuição de chuvas para a atual safra está sujeita às influências provocadas pelo fenômeno climático “La Niña” que poderá interferir de forma significativa, na distribuição de chuvas em algumas regiões brasileiras. Para Minas Gerais, as chuvas iniciaram na segunda quinzena de outubro, considerado em algumas regiões produtoras como tardia, atrasando o início de plantio das principais culturas o que poderá interferir e até retardar o plantio da safrinha. Segundo a meteorologia a previsão de chuvas para o Sudeste deverá ser dentro da normalidade, ou seja, a precipitação pluviométrica deverá ser igual ou ligeiramente superior à média histórica dos últimos anos.

### **Tendência**

Apesar das variações do preço do algodão nos últimos dez dias, a tendência do comportamento dos preços tanto no mercado interno como externo é de alta, tendo em vista as limitações de exportações da Índia, segundo maior exportador

mundial de algodão, assegurando desta forma estabilidade do produto para a safra 2010 / 2011.

## BOI GORDO

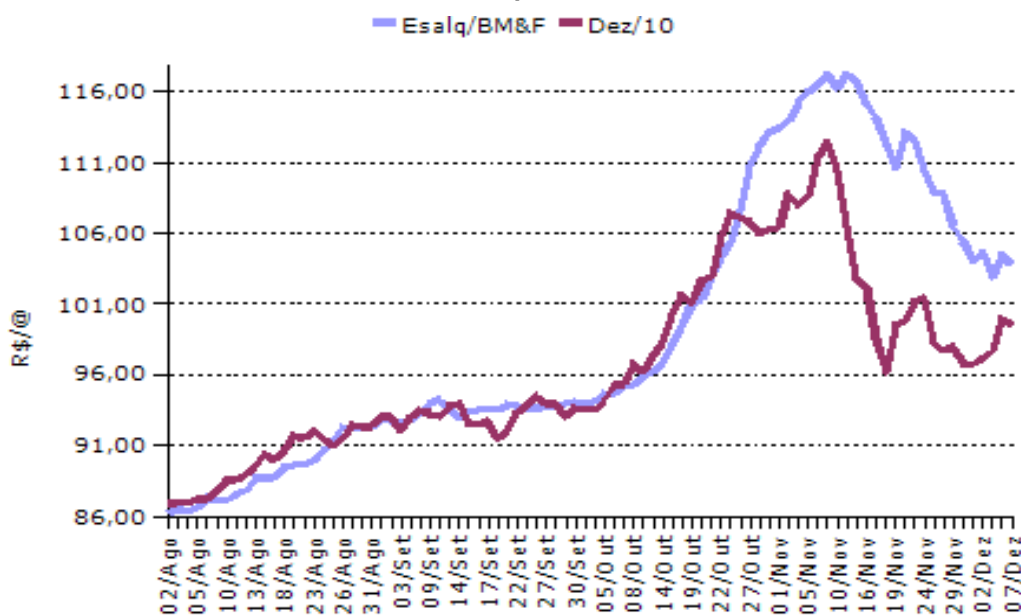
José Alberto de Ávila Pires  
E-mail: [xapeco@emater.mg.gov.br](mailto:xapeco@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8116 – Belo Horizonte/MG



### Pressão de baixa

Depois de atingir as maiores cotações de preço, desde 1994 quando teve início o PLANO CRUZADO, com valores da arroba do boi gordo, MAXIMA de R\$123,00 no Estado de São Paulo e de R\$ 100,00 a R\$ 115,00 em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul, o mercado do boi gordo apresentou durante todo o mês de novembro e início de dezembro de 2010, **uma forte pressão de baixa e recuo dos preços.** (ver Gráfico 1).

Gráfico1. Indicador Esalq/BM&FBovespa boi gordo à vista, e contratos futuros para dezembro 2010



Fonte: Esalq/BM&FBovespa, elaboração BeefPoint

Como o momento ainda é de “final de entressafra”, ou seja, **não tão elevada oferta** de carne no mercado e de uma **demanda muito firme**, com recebimento de 13º salário e festas de final de ano, segundo analistas de mercado, os frigoríficos estariam tentando derrubar os preços de arroba do boi gordo, de uma forma mais rápida do que foi o movimento de alta, neste segundo semestre de 2010.

Por outro lado, as boas condições climáticas atuais (chuvas e calor) estão sendo favoráveis ao pleno desenvolvimento das pastagens, em todo o Estado de Minas Gerais. Considerando que a pastagem é o principal ou único alimento dos bovinos, para esta época do ano e que as perspectivas são de boas pastagens durante todo a safra de boi gordo, de janeiro a julho de 2011( próximos sete meses ), poderá ocorrer por parte do pecuarista uma "retenção de boi gordo no pasto", o que poderá trazer um equilíbrio de oferta e demanda de carne bovina no mercado e estabilização dos preços da arroba do boi gordo.

- **Atacado**

Além destas condições climáticas favoráveis à uma “retenção de boi gordo” (retenção da oferta), a demanda interna continua “aquecida”. Segundo o “Boletim Semanal sobre Tendencias de Mercado”, de SAFRAS & Mercado (06/12/2010), “o atacado mais uma vez mostra os indicadores fundamentais realistas. Os cortes de traseiro atingiram R\$8,60 (primeira semana de dezembro), o maior preço do ano, e a curva sugere ainda altas nos próximos dias. O dianteiro recuou para R\$ 5,00 / R\$ 5,10, uma situação normal para este corte neste período do ano”.

- **Mercados Regionais**

Ainda segundo o “Boletim Semanal sobre Tendencias de Mercado, de SAFRAS & Mercado” (06/12/2010), a pressão de baixa para os preços da arroba do boi gordo vem ocorrendo em todos os Estados do Centro Oeste. “Enquanto alguns negócios ocorrem a R\$102,00,/R\$103,00 à vista em São Paulo, outros compradores já tentam trazer preços para R\$97,98,00. Em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul as cotações são de R\$ 95,00.

Segundo levantamento semanal feito pela EMATER/MG, em Minas Gerais as cotações da arroba do boi gordo, apresentaram os seguintes valores, para pagamentos com 30 dias e livre (frete e FUNRURAL), **durante a semana de 02 a**

**08 de dezembro/2010**, no Triângulo e Alto Paranaíba entre R\$ 93,00 e R\$ 96,00; Noroeste de R\$ 95,00 a R\$ 98,00; Norte de Minas R\$ 92,50 a R\$ 96,00 e Rio Doce/Mucuri entre R\$ 88,50 a R\$ 92,50.

**NOTA:** este levantamento da EMATER/MG está sendo feito e disponibilizado, **semanalmente**, no site [www.emater.mg.gov.br](http://www.emater.mg.gov.br) (\$ PREÇO PAGO AO PRODUTOR), com comentários sobre o comportamento do mercado do boi gordo, em Minas Gerais.

- **Bezerro de corte**

O Indicador Bezerro ESALQ/BM&FBovespa, refere-se ao preço pago pelo bezerro de corte Nelore (ou anelorado), de apartação com 8 a 12 meses de idade e peso vivo médio próximo à 6 arrobas (180 kg de peso vivo). **Região pesquisada: Campo Grande e Mato Grosso do Sul.**

Ao contrário da forte pressão de baixa para os preços de arroba do boi gordo, as cotações deste bezerro de corte segue praticamente estável. Durante o mês de novembro/2010 as cotações do “Indicador Bezerro ESALQ/BM&FBovespa”, permaneceu estável com valores entre R\$ 700,00 e R\$ 720,00 por arroba.

Segundo o relatório diário de SAFRAS & Mercado, do dia 06 de dezembro/2010, este mesmo tipo de bezerro de corte apresentou as seguintes cotações: no Estado de São Paulo entre R\$ 700,00 e R\$ 730,00 por bezerro; em Goiás a R\$720,00; em Minas Gerais a R\$ 720,00 em Uberaba e R\$ 690,00 em Unaí; Mato Grosso do Sul R\$ 700,00 / 740,00.

O “reco” dos preços da arroba do boi gordo poderá tornar desfavorável, para o comprador de bezerro, a conhecida relação de troca boi gordo/bezerro. Para uma “normalidade” da venda do boi gordo, esta relação de troca boi gordo/bezerro, “deveria” ser de uma compra de 2,7 a 2,8 bezerro por venda boi gordo (16,0 e 17,0 arrobas de boi gordo dividido por 6 arrobas de bezerro).

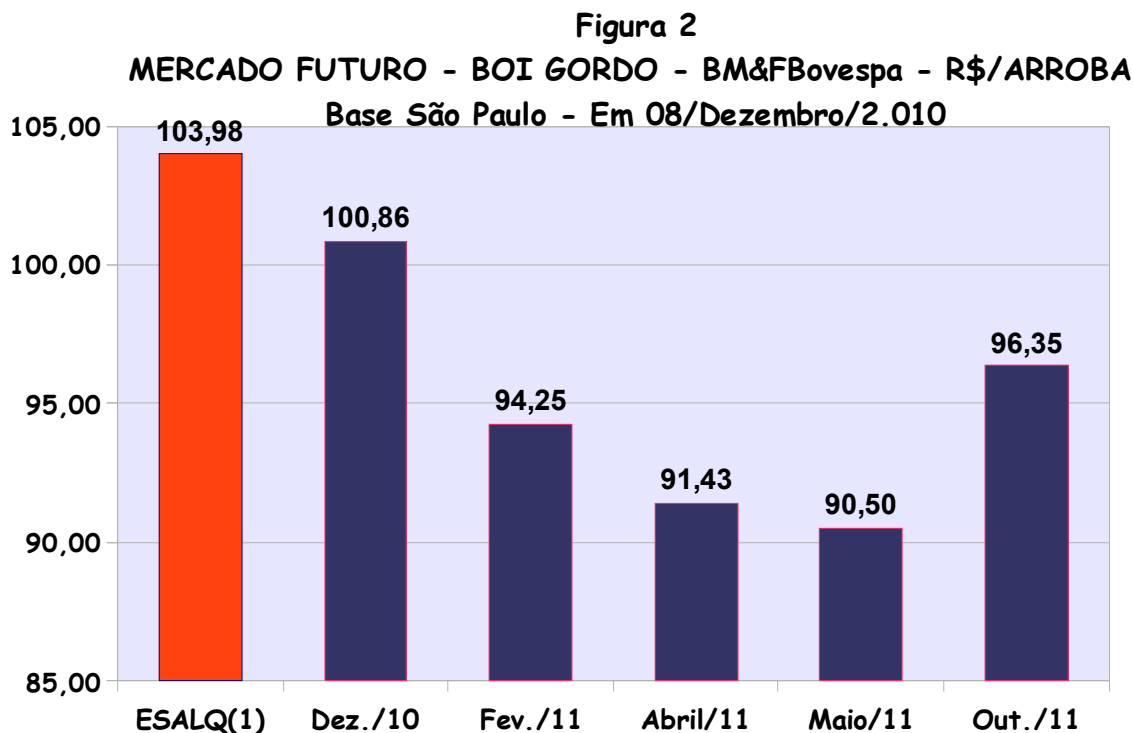
Quando esta relação fica “desfavorável” para o comprador de bezerras, por exemplo 2,2 e 2,3 bezerras adquiridos por boi gordo vendido, há uma retenção natural de boi gordo no pasto, buscando fazer através de um boi gordo mais pesado, por exemplo , com 18 a 20 arrobas, uma relação de troca mais favorável, pelo menos próxima a 2,5 bezerras adquiridos por boi gordo vendido.

Logicamente, esta é outra causa de retenção de boi gordo no pasto e ALTA para os preços da carne bovina, para o consumidor final.

- **Cenário futuro (Safrá 2011)**

O Gráfico 2 mostra a “tendência” do mercado do futuro de boi gordo de acordo com os negócios realizados no dia 08 de dezembro de 2010. Este “mercado futuro” ainda busca uma definição de preços para o chamado período de Safrá 2011 da produção de boi gordo para abate e que vai de janeiro a junho, com uma maior concentração de oferta para os meses de abril a junho.

Segundo o mesmo “Boletim Semanal sobre Tendências de Mercado”, de SAFRAS & Mercado ( 06/12/2.010), “acredita-se em um **ponto de equilíbrio** para o nível de auge da safrá 2.011 em **R\$92,00 / R\$95,00 por arroba base São Paulo**. Este preço ainda é quase R\$ 20,00 por arroba ACIMA da média de janeiro de 2.010”. Ou seja, uma “alta” de cerca de 27% para um período de 15 a 18 meses, de 1,5% a 1,8% ao mês.

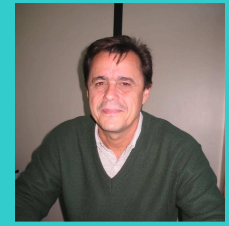


Fonte: Esalq/BM&FBovespa, elaboração EMATER/MG

ESALQ (1): “Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa” no Estado de São Paulo, média das cinco últimas cotações, divulgada em 09/dez./10.

## FRANGOS E OVOS

Dirceu Alves Ferreira  
E-mail: [dirceu@emater.mg.gov.br](mailto:dirceu@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8115 – Belo Horizonte/MG



Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), o Brasil alcançou seu melhor preço histórico, pouco mais de US\$2.100 por tonelada, em 2008. E isso significou valorização em torno de 100% sobre o valor médio recebido em 1990, pouco mais de US\$1.000 por tonelada. Mas a obtenção do dobro do preço inicial não resulta da simples valorização do produto, mas da expansão das vendas de produto com maior valor agregado: em vez de frango inteiro apenas, também cortes; além de somente produto in natura, industrializados e carne de frango salgada. Como efeito, ainda da crise econômica mundial, o frango brasileiro chegou a perder (2009) mais de um terço de seu melhor preço histórico. Mas, a pior remuneração recebida nesses 20 anos foi registrada em 2003, ano em que a tonelada da carne de frango brasileira, foi vendida por um preço médio de US\$ 850, cerca de 18% menor que o registrado em 1990. **Fonte:** Aviste

A sequência de altas obtidas pelo frango vivo no Sudeste brasileiro não cessa. Nos últimos dias, o produto comercializado em Minas Gerais obteve seu terceiro reajuste em apenas sete dias de negócios, o que significou cotação de R\$ 2,15 / kg, novo recorde histórico nominal para o frango mineiro. O ambiente de negócios é dos mais firmes, sinalizando possibilidade de nova alta no curtíssimo prazo, eventualmente, já nos primeiros dias de dezembro. Nos últimos 45 dias o frango vivo comercializado em Minas Gerais teve valorização de 7,5%. Já São Paulo não registra qualquer valorização, pois a cotação atual é a mesma da segunda quinzena de setembro. **Fonte:** Aviste

Segundo as previsões da CONAB, a disponibilidade interna de carne de frango pode corresponder a praticamente, 43,6 quilos per capita. Só que embora atualizadas em outubro de 2010, as previsões da CONAB estavam baseadas em uma população da ordem de 193,2 milhões de habitantes, número que segundo os dados mais recentes do IBGE, não se confirmou. Dessa forma, adotada a

disponibilidade interna total apontada pela CONAB, perto de 8 milhões 423 mil toneladas de carne de frango e o novo indicador populacional do IBGE de 190,733 milhões de habitantes, o volume disponível para cada um dos brasileiros estará superando os 44 kg. Por isso já é quase consensual a percepção de que ao contrário de anos anteriores, desta vez não haverá estoques de passagem (para o ano que vem) de carne de frango, o que influenciará positivamente nos preços logo no início do ano. **Fonte:** Avicultura Industrial.

Efetivamente o preço médio do ovo no mês de novembro deste ano, foi quase 20% superior ao que havia sido registrado em novembro de 2009. O único senão é que, naquela ocasião, a cotação média do produto foi 21,24% menor que a de um ano antes. Apesar da momentânea valorização, o ovo continua recebendo remuneração inferior à registrada em novembro de 2008. Isso ocorre não apenas em valores reais, mas também nominais. Restando agora menos de 30 dias de negócios para o encerramento do ano, observa-se ser absolutamente inviável alcançar, pelo menos, um valor anual igual ao de 2009, pois, para que isso ocorresse, o ovo precisaria obter no decorrer de dezembro valorização de não menos que 27%. É certo que em função do período de Festas, haverá reação de preços no decorrer de dezembro. Mas a sina é encerrar mais um ano, o segundo consecutivo, com preço médio anual menor que o do exercício anterior. **Fonte:** Mercado do ovo

#### VARIAÇÃO NAS COTAÇÕES DE FRANGOS

PRODUTO	Atacado Fob. Granja (R\$/Kg)	
	31/10/10	31/11/10
Frango Abatido Resfriado/Atacado	2,90	3,55
Frango Vivo com ICMS	1,80	2,15

**Fonte:** Avimig

#### VARIAÇÃO NAS COTAÇÕES DE OVOS

OVOS	Valor R\$/Cx/30 Dz	
	31/10/10	31/11/10
Ovos Extra Grandes	45,00	47,00
Ovos Grandes	44,00	46,00
Ovos Médios	42,00	44,00
Ovos Pequenos	37,00	39,00
Ovos Vermelhos	47,00	49,00

**Fonte:** Avimig

## VARIAÇÃO NAS COTAÇÕES DE AVES DE DESCARTE

AVES DE DESCARTE	Atacado Fob/Granja (R\$/Kg) <sup>31</sup>	
	31/10/10	31/11/10
Poedeira de Corte	1,30	1,30
Poedeira Branca	0,60	0,60
Matrizes Vermelha	0,65	0,65

Fonte: Avimig

## TENDÊNCIAS DA AVICULTURA

O frango vivo comercializado em Minas Gerais apresentou reajustes constantes ao longo do mês de novembro, chegando a cotação de R\$2,15 / kg, recorde histórico para o frango mineiro. O ambiente de negócios é firme sinalizando possibilidade de novas altas até o fim do ano. **Fonte:** Avisite

As vendas no mês de novembro tiveram crescimento e logo no início do mês de dezembro continuam crescendo em um ritmo forte, sinalizando para uma demanda bem maior que as ofertas ao longo do mês. Com certeza tamanho do ovo não terá muita influência a partir de agora no mercado. **Fonte:** Mercadoovo

## FRUTICULTURA

Deny Sanábio  
E-mail: [sanabio@emater.mg.gov.br](mailto:sanabio@emater.mg.gov.br)  
(31) 3349-8117 – Belo Horizonte/MG



### Mercado de frutas natalinas

Presença garantida na decoração e nos pratos de Natal, as frutas típicas de fim de ano, já começam a chegar às prateleiras e os produtores comemoram a boa safra. A expectativa é de que o volume de 2 milhões e 500 mil toneladas de frutas produzidas em 2009 sejam superadas, assim como, a área de produção de 123 mil hectares em todo o estado, segundo dados da Federação da Agricultura de Minas Gerais (Faemg).

Apesar de boa parte das lavouras ser dedicada a cultura de laranja, com 30% de participação, banana participação de 25% e abacaxi com 20%, outras variedades

começam a ganhar espaço e confirmam a tendência de diversificação da produção.

“O percentual de participação dessas frutas tem diminuído, para dar espaço a outras variedades, como: tangerina que representa 5%, manga 4% e morango 3%. Pêssego ainda representa apenas 1% da produção do estado e maçã 0,1%”, explica Pierre Vilela, assessor do Departamento Técnico da FAEMG.

Vale destacar que a expansão gradativa de plantios em terras mineiras estão justamente com as frutas que já ganharam a preferência dos consumidores nas ceias natalinas e viraram tradição. Caso do pêssego, ameixa, nectarina e uva, que concentram o cultivo na Região do Campo das Vertentes, Sul e Norte de Minas. O Natal representa esperança de bons negócios para os fruticultores.

Exigentes quanto às condições climáticas, as frutas de clima temperado encontraram solo fértil na Região do Campo das Vertentes e Sul do Estado, onde a recomendação é que sejam cultivadas acima de 800 metros de altitude.

Na Ceasa de Minas Gerais, as frutas frescas começam a chegar, mas o grande volume de vendas é esperado somente a partir de 20 de dezembro, véspera das comemorações de fim de ano. Para o coordenador de Informações de Mercado da Ceasa Minas, Ricardo Fernandes Martins, a oferta até o momento tem sido inferior à registrada no mesmo período do ano passado. A expectativa é de que até o Natal a oferta esteja normalizada.

O abacaxi está entre as frutas com quantidade reduzida, caindo de 2.746 toneladas entre 1º e 22 de novembro de 2009 para 2.385 toneladas no mesmo período deste ano, o que justifica os preços 25% maiores. “A participação de Minas na produção que deveria ser maior neste período, diante de cerca de 21,4% apresentada em 2009, caiu para 14,2%”. O resultado é que o produto tem vindo do Nordeste, o que encarece a fruta. Os preços subiram de R\$ 1 para R\$ 1,25 a unidade no atacado e uma das justificativas para o cenário atual estaria no atraso da produção.

Quando o assunto são as frutas sazonais, a situação é mais equilibrada. O pêssego passou de 420 toneladas para 448 toneladas no mesmo período, com preços estáveis em relação ao ano passado. Minas tem participação boa na oferta deste produto, com cerca de 79% do mercado do Ceasa, mas está um pouco

abaixo do ano passado, quando chegou a 87%. Os principais concorrentes dos mineiros são os produtores do Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná.

A uva niágara também apresentou elevação da oferta com 112 toneladas este ano, contra 93 toneladas em 2009. Originária principalmente do Norte do Estado, a fruta mantém preço estável em torno de R\$ 5,45 o quilo. Já a nectarina foi à contramão e está mais barata este ano. Com oferta de 57 toneladas na Ceasa nos 22 primeiros dias de novembro, a fruta recebeu R\$ 2,63 contra R\$ 3,41 do mesmo período do ano passado. Apesar do cenário pouco animador para o produtor, a participação na oferta cresceu, chegando a 78,8% de tudo que é vendido de nectarina na CeasaMinas.

### **Importadas**

Para esta época do ano, há ainda as opções de produtos importados do Chile, como a cereja e o damasco. Apesar do otimismo dos produtores, o gerente comercial da atacadista Crol, Edgar Ochi, acredita em queda na oferta principalmente das opções natalinas. “Muitos produtores em São Paulo e do Sul do país, tiveram problemas climáticos com chuva de granizo, que afetou principalmente a safra de uva niágara”.

Outras variedades de frutas também são cobiçadas no período, como mirtilo, amora e framboesa que também têm fornecedores mineiros. “Vem muita coisa do Sul de Minas e Barbacena, onde o clima ajuda”.

O estado mantém constante ampliação da autossuficiência no abastecimento de frutas, mas ainda tem forte dependência da oferta de outras regiões. Em todo o ano, a produção regional é responsável por 35% do que é vendido na Ceasa Minas, enquanto o restante vem de fora. São Paulo participa com 28,7%, seguido da Bahia com 11% e em menor volume estão o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

*Fonte: JORNAL ESTADO DE MINAS 29/11/2010 – CADERNO*

## FEIJÃO

Wilson José Rosa  
E-mail: [wjrosa@emater.mg.gov.br](mailto:wjrosa@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8170 – Belo Horizonte/MG



No mês de novembro os preços de feijão continuaram seu ritmo de queda bem acentuada. Na primeira semana os preços praticados na Bolsinha de São Paulo, iniciaram com valores de

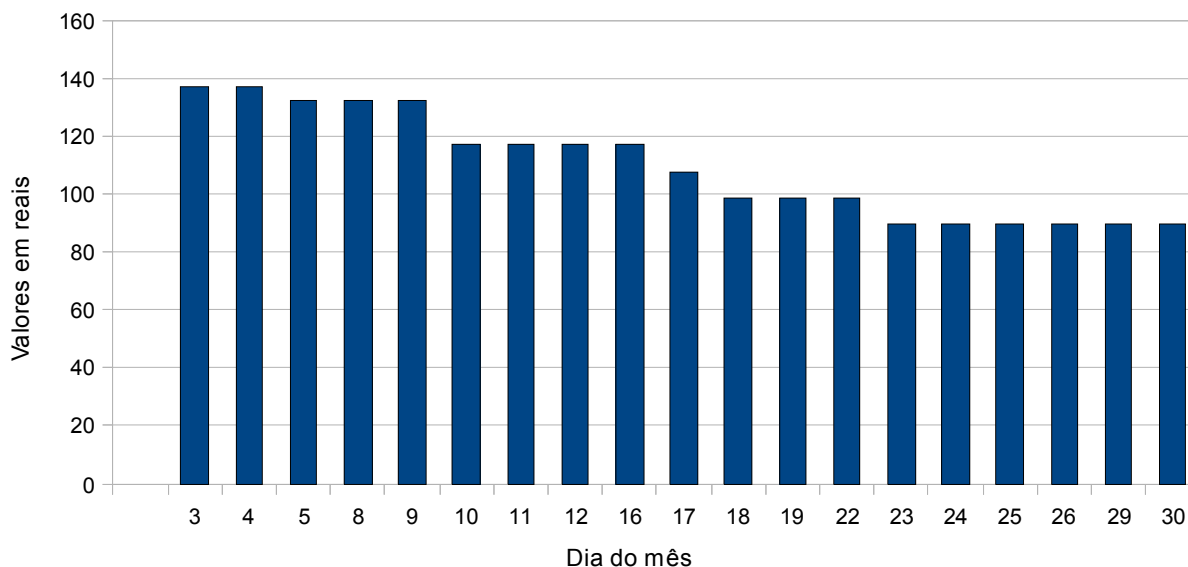
R\$ 155,00 e fechou a R\$ 150,00 a saca de 60 kg de feijão carioca extra, nota 9 / 9,5. A queda de preços continuou na segunda semana que fechou com os preços no valor de R\$ 145,00 a saca de 60 kg. Esta queda continuou, chegando a R\$ 130,00 na terceira semana e R\$ 100,00 na quarta semana, encerrando o mês com o preço de R\$ 90,00 a saca de feijão carioca extra, nota 9 / 9,5. Os motivos desta situação estão relacionados ao comportamento retraído do mercado comprador, que aposta em uma safra 2010/2011, maior que a safra do último ano. A demanda continua fraca e a oferta relativamente alta. A tendência dos preços é de queda embora em menor intensidade.

A continuar o ritmo de queda nos preços, ficará difícil para o produtor de feijão cobrir todos os custos de produção.

Em Minas Gerais em nível de produtor, o feijão carioca nota 9,0 teve o comportamento dos preços semelhantes aos praticados na Bolsinha de São Paulo, iniciando o mês com preço médio de R\$ 145,00 a saca de 60 kg de feijão carioca, nas regiões do Noroeste Mineiro e Alto Paranaíba, apresentando redução gradativa até R\$ 90,00 a saca de 60 kg.

De acordo com as fontes, os preços pagos aos produtores tiveram uma trajetória descendente como mostra gráfico a seguir, que ilustra o comportamento do mercado em Patos de Minas, no Alto Paranaíba e Unai no Noroeste Mineiro.

### Preço médio do feijão em Patos de Minas e Unai, MG – mês de novembro de 2010



Fonte: Safras & Mercado

O segundo levantamento da safra 2010/1011, feito pela CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento, divulgado no início mês de novembro, aponta uma estimativa de área total plantada nas três safras, entre 3 milhões 571 mil 900 hectares a 3 milhões 607 mil 800 hectares, uma variação entre menos 0,1 a mais 0,91%, em relação a área plantada no ano anterior que foi de 3 milhões 576 mil 900 hectares. Este levantamento apresenta uma estimativa de produção entre 3 milhões 439 mil a 3 milhões 493 mil toneladas. Para a primeira safra a estimativa é de uma área plantada entre 1 milhão 405 mil 100 hectares a 1 milhão 441 mil hectares para uma produção estimada entre 1 milhão 533 mil 300 a 1 milhão 587 mil 300 toneladas, que representa um acréscimo entre 4,8 a 8,5% em relação ao ano anterior. No Estado do Paraná que produziu 33,4% da produção nacional na safra anterior, deverá ocorrer um crescimento na área variando entre 2,0% e 6,0% nas estimativas atuais, com o cultivo oscilando entre 328 a 340 mil 900 hectares. Os bons preços na comercialização influenciaram positivamente na intenção de plantio da cultura. O estado de São Paulo aponta para redução de área planta na primeira safra entre 19 e 21% e 21,5 a 23,4% na produção, em relação ao ano anterior. O estado do Rio Grande do Sul, também apresenta redução de área plantada entre 4 e 7% e 1,6 a 4,6% de diminuição na produção, em relação ao ano

anterior. Os demais estados apresentam aumento tanto de área plantada como produção estimada. Em Minas Gerais, segundo maior produtor de feijão de primeira safra a estimativa é de acréscimo na área plantada entre 3,1 e 4,1%, ou seja, área plantada de primeira safra entre 195 mil 300 a 197 mil 200 hectares, para a uma produção esperada entre 236 mil 300 e 238 mil 600 toneladas, o que representa um acréscimo entre 10,7 a 11,7% em relação safra passada.

**Fonte:** CONAB.

As precipitações, a partir do mês de outubro até o início de dezembro, ocorreram de forma regular, proporcionando um bom preparo do solo e benefícios para o desenvolvimento das lavouras semeadas. A umidade do solo tem contribuído para o restante do plantio das áreas de feijão das águas, que se aproximam da fase final.

## MILHO

**Luiz Fernando Ferreira**  
E-mail: [luiz.ferreira@emater.mg.gov.br](mailto:luiz.ferreira@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8138 – Belo Horizonte/MG



### **Exportação Brasileira de Milho**

Em que pese toda a situação vivenciada pelos produtores de milho no Brasil em 2010, a exportação brasileira do produto ainda teve uma boa participação, no período de janeiro a novembro deste ano. O país exportou 7 milhões 994 mil toneladas, pelas informações levantadas por Safras&Mercado e SECEX - Secretaria de Comércio Exterior. A comercialização do cereal foi liderada pelo Irã que comprou 951 mil 507 toneladas, seguido por Taiwan que adquiriu 864 mil 507 toneladas e Marrocos que comercializou 705 mil 582 toneladas.

O estado brasileiro que mais exportou foi Mato Grosso que vendeu 4 milhões e 480 mil toneladas, seguido pelo Paraná que disponibilizou 1 milhão 787 mil toneladas e Mato Grosso do Sul que comercializou 583 mil toneladas, segundo as mesmas fontes.

## **PLANTIOS SAFRA 2010/2011**

Na Argentina, a safra 2010 / 2011 está com 81% da área plantada ou cerca de 3 milhões 267 mil hectares, pelas informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Pesca, daquele país.

O plantio da safra de verão de milho no Brasil está concluído, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Em Minas Gerais e São Paulo a área plantada atinge 92 %. Em todo país, a estimativa de cultivo no período de verão ou 1ª safra, é de uma área de 4 milhões 310 mil hectares contra 4 milhões 768 mil hectares, plantados no mesmo período do ano anterior, pelas informações de Safras&Mercados.

A área plantada de milho em Minas Gerais, está estimada em 1 milhão e 200 mil hectares com produção prevista de 6 milhões e 100 mil toneladas. Este volume representa cerca de 1% acima da produção do ano passado. A decisão de alguns produtores em reduzir o plantio atual do cereal, é consequência da ocupação de área antes com milho pela soja, em função das boas perspectivas de cotação da oleaginosa no mercado internacional.

## **SAFRINHA**

Para a segunda safra ou safrinha a Embrapa desenvolveu 24 cultivares que poderão ser cultivadas conforme recomendação do zoneamento agrícola, elaborado pelo Ministério da Agricultura. Análises térmicas e hídricas identificam os municípios aptos e os períodos de semeaduras para o cultivo de milho em condições de baixo risco climático em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. Pelas informações do pesquisador Luiz Antônio Laudares da Embrapa Transferência de Tecnologia, responsável pelo Escritório de Negócios de Sete Lagoas-MG, as cultivares indicadas tem grande potencial de produção e estão disponíveis para comercialização através do telefone (31) 3027 1230.

*Fonte: Safras, Notícias Agrícolas, CONAB, EMATER-MG*

## SOJA

Willy Gustavo de La Piedra Mesones  
E-mail: [willy.gustavo@emater.mg.gov.br](mailto:willy.gustavo@emater.mg.gov.br)  
Tel: (34) 3338-5156 - Uberaba/MG

### Área cresce, mas La Niña é o centro das atenções

Entre os produtores, e no mercado em geral, continua a grande preocupação com os efeitos que podem ser ocasionados pelo fenômeno La Niña, e as primeiras consequências já estão refletidas nas análises sobre a produção agrícola no Brasil, que embora apontem um ganho de área de 2% na exploração de grãos em geral, que chegaria a 47,09 milhões de hectares, também é indicada uma produção de 146 milhões de toneladas que significariam uma retração de 0,2% sobre a última safra colhida. Isto já considerando a prática de melhor índice tecnológico em função de estar sendo verificado um menor custo de produção e obtidos melhores preços médios neste ano, principalmente com soja, arroz e feijão. É importante salientar também que enquanto a área de cereais recuaria 1%, a de oleaginosas cresceria 4% com relação à última safra, neste caso com destaque para a soja com 3% e o excepcional crescimento do algodão em 30%.

Assim, enquanto os efeitos negativos que La Niña pode trazer ainda são tímidos, os efeitos especulativos estão mostrando grande força, pois estão minimizando fatores como o da maior utilização de insumos de acordo com os indicativos de crescimento de 6% nos fertilizantes, 14% no calcário, 8% nos agroquímicos e os relevantes 35% de vendas internas de máquinas agrícolas, isso sem falar nos 10% a mais de crédito rural disponibilizado no Plano Safra 2010/2011. Desta forma, o sentimento geral com relação à produtividade não é muito boa, incluindo nesta previsão, além do Brasil, o Paraguai, a Argentina e até o Uruguai, que globalmente teriam um rendimento médio de 2.765 kg/ha de soja que seria 4% menor que o obtido na safra recorde do ano que passou que foi de 2.878 kg/ha. Quem viver verá.

Praticamente em toda a área produtora de soja do Brasil ocorreram precipitações pluviométricas que tanto permitiram a realização das práticas de plantio quanto foram benéficas também para o desenvolvimento das lavouras em pleno processo vegetativo. É sabido que em alguns pontos de alguns estados ainda se detectam

déficits hídricos no solo, mas de modo geral, não chega a alarmar com relação a perdas e já pode ser compatibilizada como concluída a fase de semeadura da cultura de soja no Brasil. E, os indicativos apontam que a área de soja só não cresceu mais devido ao, como dizemos acima, crescimento da área de algodão e também da cana de açúcar, principalmente na região Centro-Sul, mas tomou áreas de pastagem e de milho, além de avanço na fronteira agrícola na região Norte e Nordeste do país.

### **Preços não acompanham a estoques menores**

A última revisão da safra norte-americana contabilizava uma produção de 91,85 milhões de toneladas que representam um ganho de 0,5% com relação ao recorde anterior na safra passada, sendo que o próximo relatório, mais consolidado, somente sai em janeiro próximo. Mas os números atuais apontam para uma produção mundial de 257,78 milhões de toneladas que seria 0,9% menor que a safra anterior e que deverá atender um previsto maior consumo, trazendo um aperto nos estoques de soja com conseqüente retração nos estoques mundiais e interferindo na evolução de um mercado já preocupado com as prováveis alterações climáticas na América do Sul, a economia de sobressaltos na União Europeia, cortes de impostos nos EUA e a imposição de medidas monetárias que estão sendo cogitadas na China.

Ainda assim, este cenário não foi suficiente para sustentar uma tendência altista do produto, mas as perspectivas são para a permanência de um mercado instável e de não previsibilidade a curto prazo, se considerarmos que no Brasil foi praticada uma alta de preços para a exportação no final de julho, continuou até a primeira quinzena de novembro, a seguir houve uma retração mas voltou a mostrar recuperação nesses primeiros dias de dezembro. Desta forma, a expectativa é de que negócios mais consistentes somente aconteçam se houver altas significativas nos preços do produto.

O que vemos no Brasil, é um mercado diferenciado de acordo com as características de cada região com relação ao volume de vendas já praticado com o produto da safra velha e dos negócios antecipados referentes à safra 2010/2011. Até o início deste mês, já havia sido comprometido em torno de 33%

da safra nova, o que representa uma negociação superior aos 18% verificado na safra passada e aos 23% na média para os últimos cinco anos, para o mesmo período. Os estados que mais negociaram esta nova safra que está sendo implantada são o Mato Grosso, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais que já comprometeu 30% da sua produção futura contra 25% da média normal para o período.

Com relação à safra velha, indicativos apontam que já foi negociada em torno de 95%, acompanhando a média para o período nos últimos cinco anos, sendo que o produto ainda disponível, praticamente, está concentrado no Rio Grande do Sul com 46% deste volume e no Paraná com 38%.

Então, o que nos resta é ficarmos alertas para os sinais que a conjuntura geral nos aponta, como as perdas de trigo na Europa, principalmente na Rússia, perdas de milho na Europa e EUA, a forte demanda da China, perdas na cultura da palma na Malásia, possíveis perdas de área de soja para milho e algodão nos EUA na safra que começa em abril do próximo ano e a já repetitiva previsão de efeitos do La Niña.

#### Preços praticados em diferentes regiões no Brasil

Local	Preços praticados R\$/saca 60 kg			
	09/12/10	1 semana atrás	1 mês atrás	1 ano atrás
<b>Passo Fundo/RS</b>	49,00	49,50	50,00	47,00
<b>Rondonópolis/MT</b>	46,00	48,50	47,70	40,00
<b>Mogiana/SP</b>	51,50	51,00	51,00	46,00
<b>Uberlândia/MG</b>	49,00	47,00	50,50	41,00

Adaptado de Safras&Mercado

Fonte: Safras&Mercado, CONAB, Emater-MG

## TOMATE

Georgeton S. R. Silveira  
E-mail: [georgeton@emater.mg.gov.br](mailto:georgeton@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8148 – Belo Horizonte//MG



### COMPORTAMENTO

No mês de novembro, os preços do tomate in natura praticados no atacado de acordo com a Ceasaminas, no entreposto de Contagem :

- Tomate tipo AA do grupo Longa Vida foi comercializado a R\$ 12,08 e Santa Clara a R\$ 13,33 preço médio da caixa com 22 kg.
- Tomate tipo A do grupo Longa Vida foi comercializado a R\$ 7,00 e Santa Clara a R\$ 7,58 preço médio da caixa com 22 kg.

Na Ceagesp, os preços do tomate comercializado no atacado, tipo AA dos grupos Longa Vida e Santa Clara, tiveram uma cotação média de R\$ 24,42 a caixa de 22 Kg e R\$ 20,46 a caixa de 22 kg do tipo A. Estes valores são referentes a segunda semana de novembro.

Segundo pesquisa de preços realizada no varejo pela Ceasaminas, do dia 24 a 26 de novembro, os valores do quilo do tomate in natura praticados nos hipermercados e supermercados da grande BH, obtiveram um preço médio de R\$ 1,42 e nos sacolões foi de R\$ 1,73 sendo o preço médio no varejo de R\$ 1,71.

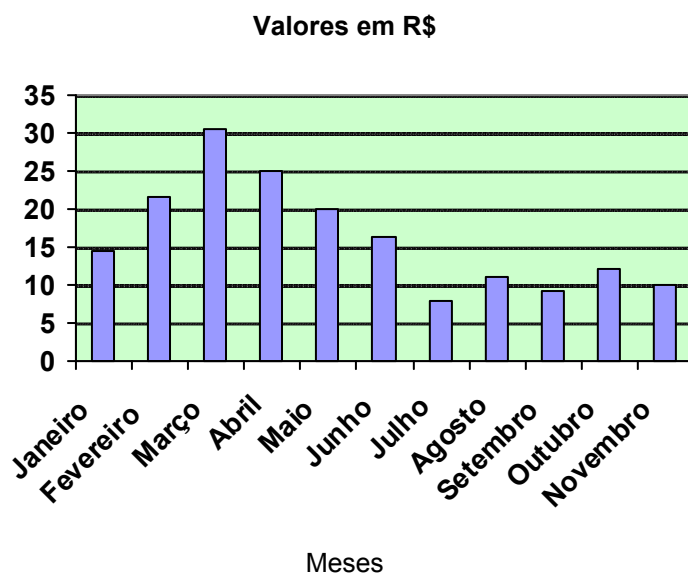
No atacado no mesmo período, o preço pago pelo quilo foi de R\$ 0,55. O preço no varejo em relação ao atacado obteve uma variação de 210,9 %. Portanto a caixa de 22 kg vendida no atacado neste período, em média por R\$ 12,10 foi revendida no varejo, em média por R\$ 37,62.

No mês de novembro o comportamento dos preços do tomate no atacado foi atípico para a época, com valores médios da caixa de 22 kg não ultrapassando a casa dos R\$ 10,00. Este comportamento pode estar relacionado com a aposta dos tomaticultores, em concentrar a produção em períodos de menor oferta o que gerou uma maior concentração de tomate no segundo semestre, tradicionalmente período de entressafra, invertendo assim o período de oferta de abril a junho para julho a dezembro (veja gráfico), levando os preços a despencarem no atacado neste período. Mesmo com o período de preços baixos no atacado, o varejo

continua aplicando a lei do mercantilismo, elevando os preços a patamares maiores mesmo com o período de maior oferta e, seguindo a regra de elevação de preços para o final de ano, onde tradicionalmente há uma menor oferta de hortaliças, confundindo os consumidores pelo calendário e não levando em consideração os menores preços no atacado.

## TENDÊNCIAS

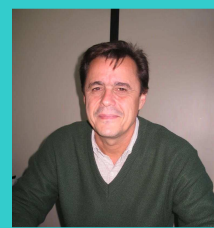
A concentração da produção no segundo semestre neste ano foi diferente da observada nos anos anteriores, resultado de uma estratégia dos produtores para fugir do período de maior oferta, abril a junho, o que desencadeou uma fuga em massa do plantio das lavouras e excesso de oferta de produto no atacado, levando os preços a ficarem em níveis menores do que é comum para estes meses do semestre. Com os preços abaixo do custo de produção, muitos produtores podem ter dificuldades no cumprimento de compromissos financeiros assumidos. Se a entrada de tomate no mercado se mantiver no mesmo ritmo, a tendência é que os preços se mantenham nos mesmos valores registrados em novembro e ainda com o risco da redução da procura de tomate, devido ao período de festas. Veja no gráfico abaixo, o comportamento dos preços médios pagos no atacado, na caixa de 22 Kg de tomate, na Ceasaminas entreposto de Contagem até o mês de novembro:



*Fonte: Ceasaminas preços médios no período.*

## SUÍNOS

Dirceu Alves Ferreira  
E-mail: [dirceu@emater.mg.gov.br](mailto:dirceu@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8115 – Belo Horizonte/MG



Os suinocultores comemoram as vendas no mercado interno. A procura pela carne suína registrou aumento significativo ao longo do ano. Um dos maiores fatores impulsionadores dos preços foi sem dúvida, o aumento do poder aquisitivo da população. O ano de 2010 pode ser considerado o ano do mercado interno para a suinocultura. Além disto, muitos produtores estão aproveitando o bom momento do mercado interno para investir no crescimento da suinocultura, com a ampliação do número de matrizes e conseqüentemente da produção. **Fonte:** *Canal Rural*.

A ceia de Natal vai custar 12,15% a mais que em 2009, segundo a Fundação Getúlio Vargas, que pesquisou 17 itens que vão à mesa. No período, inflação avançou menos: 5,34%. O aumento foi puxado pelas carnes. O recordista de alta foi o lombinho suíno, que subiu 14,99% em um ano. O frango encareceu 10,21%, e o pernil 9,71%. Com os preços da carne bovina em escalada, aves e suínos sofreram o impacto do aumento na demanda. **Fonte:** *Destak Jornal*.

A cadeia de suínos do Brasil avançou neste ano. O destaque foi a forte expansão do consumo interno, que cresceu quase 15%, além da elevação dos preços nos mercados interno e externo. No caso das exportações, a estimativa da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína – Abipecs é de que o ano feche com um faturamento de US\$ 1,4 bilhão, contra US\$ 1,27 bilhão, de 2009. Houve queda no volume exportado, passando de 607 mil toneladas no ano passado para as atuais 562 mil toneladas, o que foi compensado pela evolução das cotações. Assim, as indústrias exportadoras brasileiras do setor, conseguiram lucro de US\$ 130 milhões em 2010, sobre o ano anterior. A oferta de suínos para abate aumentou 1,8%, saltando de 33,8 milhões de cabeças de 2009 para 34,4 milhões de cabeças.

A produção também cresceu de 3,19 milhões de toneladas para 3,24 milhões de toneladas. O mercado não aponta para mudanças significativas em 2011, uma vez

que a oferta tende a continuar ajustada à demanda. O mercado interno, no entanto, deverá expandir devido à melhora no poder aquisitivo do brasileiro. **Fonte:** *Globo Rural*.

COTAÇÕES SUÍNO (R\$) – 30/11/2010	
SP	3,73
PR	3,45
SC	3,20
GO	3,60
RS	3,24
MG	3,60
MS	2,90
MT	2,80

**Fonte:** *Asemg*

## TENDÊNCIAS DA SUINOCULTURA

O mercado não aponta para mudanças significativas durante o mês de dezembro, uma vez que a oferta tende a continuar ajustada à demanda. O mercado interno aponta para expansão devido à melhora no poder aquisitivo do brasileiro, um dos maiores fatores impulsionadores dos preços. **Fonte:** *Globo Rural*.

## LEITE

Cintha Leite Madureira  
E-mail: [cinthya@emater.mg.gov.br](mailto:cinthya@emater.mg.gov.br)  
Tel: (31) 3349-8115 – Belo Horizonte/MG

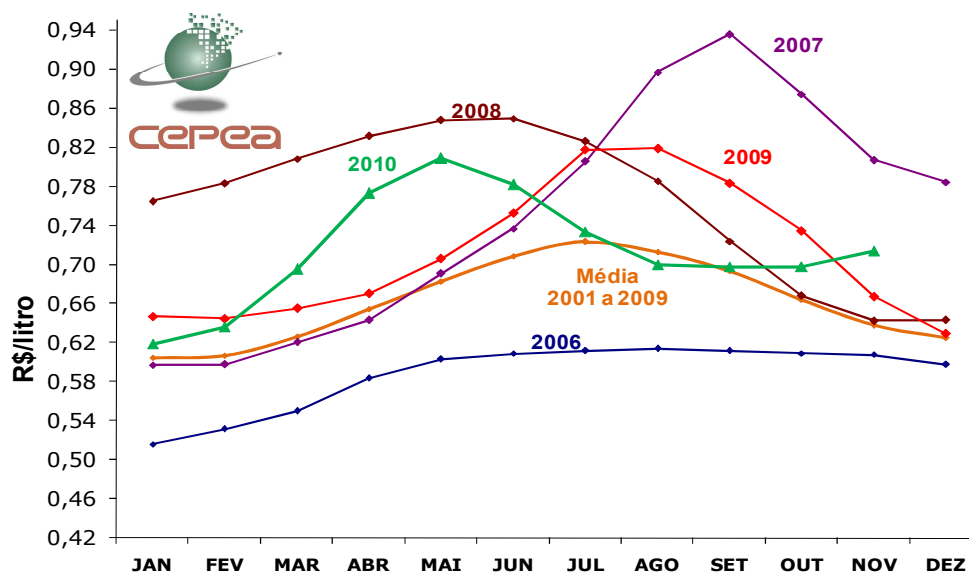


O preço médio bruto pago pelo leite ao produtor, em novembro (referente à produção de outubro) teve leve alta de 2,4% ou 1,7 centavos por litro, em relação

ao mês anterior, ficando a média ponderada dos estados de RS, PR, SC, SP, MG, GO e BA a R\$ 0,7142 por litro (Cepea-Esalq/USP). Com a chegada das chuvas, a qualidade das pastagens melhorou nas regiões sudeste, centro-oeste e norte do País em outubro, mas ainda não foi suficiente para aumentar a produção de leite. Porém, a boa demanda garantiu reajustes positivos para o produtor. Além disso, o mercado de derivados especialmente leite longa vida e queijos, permaneceu firme no período, contribuindo para os atuais patamares de preços.

Após 16 anos de análise de preços, pela primeira vez foi observado pelo CEPEA-Esalq/USP, uma valorização do leite entre outubro e novembro. Normalmente, o que ocorre nesse período é aumento na captação de leite e conseqüente queda de preços. Entretanto, em boa parte do ano de 2010, o mercado de leite teve comportamento diferente do observado nos últimos anos. Durante a entressafra, os preços caíram, mesmo com recuo na produção de leite, devido à fraqueza do mercado de leite UHT e aumento das importações de lácteos.

**Gráfico 1: Série de preços médios pagos ao produtor - deflacionada pelo IPCA**  
(média de RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA).



Fonte: CEPEA-Esalq/USP

De acordo com a Scot Consultoria, o preço do leite ao produtor em Minas Gerais, apresentou alta de 0,6% em relação ao pagamento de outubro, ficando cotado em

média, em R\$ 0,738 o litro, variando entre R\$ 0,566 e R\$ 0,839, conforme volume e qualidade do leite produzido. Já o CEPEA-Esalq/USP, apresentou valores de aumento da captação de leite em Minas Gerais, de 2,7% em outubro comparado a setembro e aumento de preços em torno de 1,3 %, deixando a média a R\$0,7256 por litro, comparado com o mês anterior.

**Tabela 1 - Preços pagos pelos laticínios (bruto) e recebidos pelos produtores (líquido) em NOVEMBRO/2010, referente ao leite entregue em outubro/2010.**

<b>Região</b>	<b>Bruto (c/frete e CESSR, ex-Funrural)</b>			<b>Preço líquido</b>	<b>Var. % Bruto</b>	<b>Var. % Líquido</b>
	<b>Máximo</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Médio</b>	<b>Médio</b>	<b>Out/Set</b>	<b>Out/Set</b>
<b>Triâng./Alto Paranaíba</b>	<b>0,8479</b>	<b>0,6833</b>	<b>0,7713</b>	<b>0,7281</b>	<b>0,41%</b>	<b>-0,15%</b>
<b>Sul/Sudoeste de Minas</b>	<b>0,7912</b>	<b>0,6255</b>	<b>0,7080</b>	<b>0,6661</b>	<b>0,78%</b>	<b>0,06%</b>
<b>Vale do Rio Doce</b>	<b>0,8114</b>	<b>0,6322</b>	<b>0,7182</b>	<b>0,6757</b>	<b>3,64%</b>	<b>2,75%</b>
<b>Média Estadual</b>	<b>0,7985</b>	<b>0,6448</b>	<b>0,7256</b>	<b>0,6837</b>	<b>1,28%</b>	<b>0,91%</b>
<b>Média Nacional</b>	<b>0,7714</b>	<b>0,6192</b>	<b>0,7142</b>	<b>0,6689</b>	<b>2,41%</b>	<b>2,21%</b>

Fonte: CEPEA. Adaptado por Detec/EMATER-MG

## **TENDÊNCIAS**

Para o pagamento de dezembro (referente à produção entregue em novembro), a maioria dos agentes consultados pelo CEPEA e pela Scot Consultoria, falam em estabilidade de preços. Para 40% das indústrias e cooperativas, deve haver nova valorização no preço do leite ao produtor.

Com o período de chuvas, espera-se aumento significativo na produção.

## PEIXES

Frederico Ozanam de Souza  
E-mail: [frederico@emater.mg.gov.br](mailto:frederico@emater.mg.gov.br)  
Tel: (35) 3522-1166 – Passos/MG



### PANORAMA

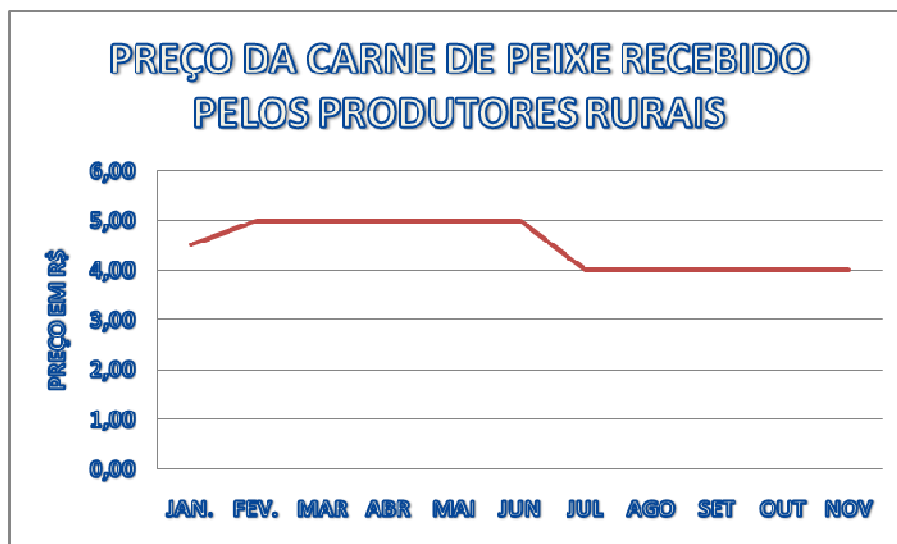
Aqüicultura é o processo de produção em cativeiro de organismos com hábitat predominantemente aquático, em qualquer estágio de desenvolvimento, ou seja: ovos, larvas, pós-larvas, juvenis ou adultos. São três os fatores que caracterizam essa atividade: O organismo produzido é aquático; Existe um manejo visando a produção; A criação tem um proprietário, isto é, não é um bem coletivo como são as populações exploradas pela pesca. A aqüicultura moderna está embasada em três pilares: a produção lucrativa, a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento social.

### MERCADO

O preço da carne de peixes, recebido pelos produtores continua no mesmo patamar, ainda não observa-se um aquecimento no consumo, o que é natural nesta época do ano. O preço praticado foi o seguinte: peixe vivo de tilápia variou entre R\$ 3,00 a R\$ 4,50 por kg, o filé em torno de R\$ 14,00 o kg.

Outras espécies de peixes vivos, como o matrinhã, pacu e tambaqui, tiveram os preços cotados entre R\$ 4,00 e R\$ 6,00 por kg. A truta, peixe de clima temperado, foi comercializada entre R\$ 6,50 a R\$ 8,00 o kg.

Para as espécies de peixes considerados nobres, como o surubim e o dourado, o preço esteve variando entre R\$ 6,50 a R\$ 10,00 por kg vivo.



### TENDENCIA

A tendência é que o preço do peixe mantenha no valor atual, com expectativas de melhora em decorrência do aquecimento na temperatura.

### PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES EM MINAS GERAIS

Produto	ud	Preços R\$
Milho	sc 60 kg	25,00
Soja	sc 60 kg	46,50
Feijão carioca	sc 60 kg	95,00
Feijão Preto	sc 60 kg	165,00
Café Arábica Beb Dura tipo 6	sc 60 kg	343,00
Banana Prata	cx (18-22) kg	20,00
Banana Nanica	cx (18-22) kg	13,00
Bezerro até 1 ano desmamado Nelore	ud	729,00
Bezerra até 1 ano desmamada Nelore	ud	632,00
Bezerro até 1 ano desmamado Mestiça	ud	614,00
Bezerra até 1 ano desmamada Mestiça	ud	499,00
Vaca Gorda para Abate – Consumo Interno	@	93,00
Boi Gordo para Abate – Consumo Interno	@	100,00
Boi Gordo para Abate – tipo exportação	@	105,00
BOVINOC: Leite Resfriado	L	0,66

MÊS DE NOVEMBRO - 2010 - ELABORAÇÃO: CIAGRO / ASMEC / EMATER / MG

**Preços médios dos produtos comercializados na unidade do CEASA-BH-MG**

Produto	Unidade	Preço (R\$)	Produto	Unidade	Preço (R\$)
Abacate	20 kg	100,00	Laranja	20 kg	22,00
Abacaxi	dz	30,00	Limão Tahiti	20 kg	20,00
Abobrinha-italiana	18 kg	15,00	Maçã	18 kg	43,00
Abobrinha-menina	18 kg	15,00	Mamão Formosa	18 kg	18,00
Abóbora moganga	15 kg	13,00	Mamão Havaí	8 kg	6,00
Alface	dz	5,00	Mandioca	22 kg	10,00
Alho brasileiro	10 kg	75,00	Mandioquinha	22 kg	55,00
Banana nanica	18 kg	18,00	Manga	6 kg	7,00
Banana Prata	18 kg	22,00	Maracujá	14 kg	25,00
Batata	50 kg	30,00	Melancia	kg	0,50
Batata-doce	22 kg	30,00	Melão	13 kg	16,00
Berinjela	12 kg	8,00	Milho Verde	25 kg	14,00
Beterraba	22 kg	15,00	Moranga	25 kg	15,00
Brócolo	dz	18,00	Morango	1,5 kg	5,00
Cebola	20 kg	12,00	Ovo de granja	30 dz	43,00
Cenoura	22 kg	15,00	Pepino	21 kg	25,00
Chuchu	22 kg	5,00	Pera	20 kg	50,00
Coco verde	dz	14,40	Pimentão	10 kg	8,00
Couve	dz	5,00	Quiabo	14 kg	15,00
Couve-flor	06 unid.	8,00	Repolho	25 kg	8,00
Espinafre	dz	15,00	Tangerina Ponkan	15 kg	----
Goiaba	2,5 kg	7,00	Tomate	22 kg	9,00
Inhame	20 kg	35,00	Uva Itália	6 kg	15,00
Jiló	16 kg	15,00	Vagem	13 kg	13,00

**Preços referentes ao dia 03/12/2010**

*fonte: Ceasaminas - elaboração: Asmec/ Emater-MG*

**SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO - SEAPA/MG**

Secretário de Estado: Gilman Viana Rodrigues

Secretário Adjunto: Paulo Afonso Romano

Superintendente de Economia Agrícola: João Ricardo Albanez

Centro de Análises e Estudos Estratégicos: Manoela Teixeira de Oliveira

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL - EMATER/MG**

Presidente: Antonio Lima Bandeira

Diretor Técnico: José Ricardo Ramos Roseno

Editores e Coordenação do Informativo: Luiz Fernando Ferreira

e-mail: [luiz.ferreira@emater.mg.gov.br](mailto:luiz.ferreira@emater.mg.gov.br) / Tel: (31) 3349-8075 - (31) 3349-8138



SECRETARIA DE  
ESTADO DE AGRICULTURA,  
PECUÁRIA E  
ABASTECIMENTO

